

MADEIRA.

Os primeiros povoadores encontraram estas ilhas dos Açores cobertas de denso e agreste arvoredo, numa paisagem luxuriamente intacta. O desbravamento das terras permitiu aos recém-chegados dispor de grande variedade e quantidade de madeiras que seriam utilizadas na construção das primeiras habitações e do respectivo mobiliário, na construção naval e mesmo no comércio com o exterior.

Na vegetação endêmica predominavam o cedro, o sanguinho, o teixo, a faia e o pau branco. A estas madeiras endógenas juntar-se-iam, a partir do século XVI, madeiras exóticas que as caravelas e naus portuguesas da Carreira da Índia traziam a estas paragens: o pau santo ou jacarandá e a sicipira do Brasil; o mogno da América Central, principalmente de Cuba; o ébano e a teca do Oriente; o pinho resinoso e o castanho do Norte da Europa. Nem sempre essas madeiras eram comercializadas como matéria-prima; frequentemente aqui vinham aportar sob a forma de caixas de açúcar ou de destroços de algum navio naufragado.





A abundância de matéria-prima, o predomínio do meio rural e as limitações impostas pela distância fizeram dos primeiros povoadores hábeis marceneiros e entalhadores. Cronistas do século XVI já faziam referência a mobiliário de cedro e de sanguinho produzido por marceneiros locais. Falamos, claro, de uma marcenaria pouco sofisticada, uma vez que o mobiliário nos séculos XV e XVI era escasso, multifuncional e pobre em termos decorativos.

A arca era a peça imprescindível em qualquer lar, podendo versatilmente adquirir a forma de arcaz ou até de arquibanco, desempenhando em simultâneo a função de móvel de guarda, de assento, de suporte e de transporte. Na casa tradicional açoriana, uma casa rural, do escasso mobiliário existente faziam parte, para além da arca, um estrado, uma mesa de uma só gaveta e um ou dois tamboretes reservados para os convidados ou para o chefe de família. Nesta época, a cama fazia parte do mobiliário das casas mais abastadas.



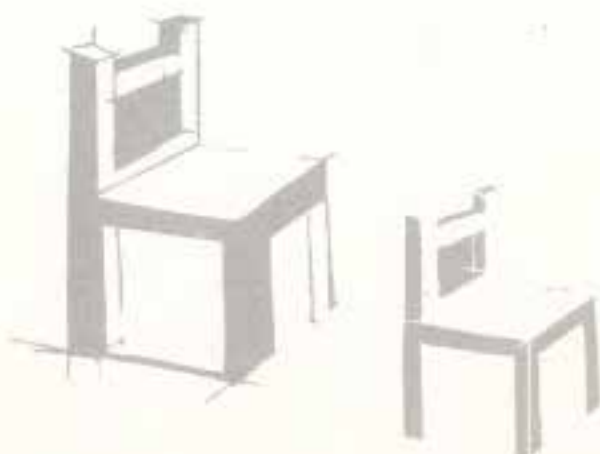


A fase do cedro, de características medievais, que se prolongou nos Açores até ao final do século XVI, foi substituída pela fase do jacarandá, de nítida influência brasileira. A produção local e o comércio com o exterior prosperavam, enriquecendo algumas famílias nobres e outras burguesas. Nos seus solares, exibiam mobiliário luxuoso e de grandes dimensões, como os bufetes, as credências e os contadores, enquanto as grandes edificações religiosas que se erguiam eram ornamentadas com elaborados retábulos em talha dourada. A arte de entalhador, mais enraizada nas ilhas Terceira, S. Jorge e Graciosa, possuía também um carácter rústico quando aplicada na ornamentação das cangas dos bois, dos tabuleiros dos bolos e dos chavões com que se gravavam os mesmos, por ocasião das festas do Espírito Santo. Utilizando como instrumentos a goíva, a trincha, o gravador ou graminho e até a cabeça de um prego, entalhavam motivos de gosto popular, com símbolos tradicionais análogos aos utilizados nas colchas da mesma época: o signo samão, a cruz de Malta e rosáceas. O trabalho da madeira ia progressivamente beneficiando de técnicas cada vez mais específicas, como o trabalho do torno, o douramento, a marcheterie e o empalhamento, de forma a responder às crescentes exigências do mercado e, principalmente, às imposições do estilo em vigor.





O século XVIII marca o início de uma nova etapa em que a madeira de eleição é o mogno. A arte de entalhador continua em fase ascendente e os retábulos a restaurar são em número considerável, atendendo aos cataclismos que não raras vezes destruíam esse património. Destacam-se, então, nomes de famílias que ao longo do tempo asseguraram esse ofício como é o caso dos Araújo de Lima que, no século XIX, tiveram a seu cargo o restauro de grande parte do património em talha da Ribeira Grande, em S. Miguel.





Nessa época, a presença inglesa influencia o gosto pelo requinte e conforto na decoração dos interiores, fazendo com que os móveis se diversifiquem, abandonando o carácter solene de influência barroca para adquirirem a elegância clássica que então renasce. A sala torna-se o espaço nobre da casa mas, ao mesmo tempo, o mais confortável, de modo a acolher a animação dos serões e do convívio social, recheando-se de cadeiras e canapés entalhados e empalhados ou estofados, de mesas de jogo e pequenas mesas de apoio embutidas com madeiras preciosas e outros materiais igualmente preciosos como o osso e o marfim. Entretanto, as modestas casas rurais começam a adquirir as primeiras camas e as primeiras cómodas, que se tornaram os móveis mais tradicionais dos Açores.





Actualmente, dispondo de uma panóplia cada vez mais diversificada de materiais, os marceneiros e entalhadores açorianos produzem mobiliário e uma série de artefactos em madeira, de incontestável valor estético, acrescentando-lhes a responsabilidade de preservar e restaurar com rigor todo um património que ainda hoje pode ser apreciado nas casas particulares, nos museus da Região, nos edifícios públicos e religiosos.



TEXTOS ALEXANDRA ANDRADE
CONCEPÇÃO GRÁFICA JOANA DIAS
FOTOGRAFIA BARRO AÇORES, ARTSTUDIO
IMPRESSÃO NOVA GRÁFICA, LDA.
DEP. LEGAL Nº 148 762/00

Edição

CENTRO REGIONAL DE APOIO AO ARTESANATO
LEADERII - ASDEPR, ADELIAÇOR, ARDE



ADELIAÇOR

